

Mais de 80% das 10 toneladas diárias de papel atiradas fora dos gabinetes poderiam ser reaproveitadas. Decreto presidencial sobre reciclagem manda ministérios destinar produto a cooperativas de catadores

DF - Lico

O cobiçado lixo da Esplanada

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Dos escritórios da alta burocracia brasileira pode surgir uma economia diária de 200 árvores para o planeta. Basta que os servidores públicos federais destinem todo o papel que jogam fora à reciclagem. O cartão-postal mais famoso de Brasília produz 10 toneladas de lixo por dia — mais de 80% dele são de papel de boa qualidade, ideal para ser reaproveitado pelas indústrias de reciclagem. A coleta seletiva, contudo, ainda está em fase de organização na Esplanada dos Ministérios. Dos 17 blocos que formam a paisagem central do Distrito Federal, apenas um — o do Ministério da Defesa, é considerado exemplar no reaproveitamento do lixo.

Ainda em outubro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou um decreto ordenando que todos os órgãos públicos federais destinem o lixo produzido a cooperativas de catadores. Além de racionalizar o uso dos recursos naturais, a medida pretende criar oportunidades de renda para a população mais pobre e incentivar a criação de cooperativas. Lula decidiu começar por sua própria casa, ordenando que a Esplanada dos Ministérios se transforme em praça piloto para o programa Coleta Seletiva Solidária. Mas, há ainda um longo caminho para que o decreto vire prática. Por enquanto, há iniciativas tímidas de reciclagem na Presidência e nos ministérios do Meio Am-

Carlos Moura/CB



FUNCIONÁRIO RECOLHE LIXO DE DEPÓSITOS DO MINISTÉRIO DA FAZENDA, UM DOS QUE AINDA NÃO SEGUE O PROGRAMA DE COLETA SELETIVA DO GOVERNO FEDERAL

biente, Cidades e Desenvolvimento Social.

“Nosso lixo, em papel, é um dos mais ricos do país. Isso aumenta nossa obrigação de dar a ele um destino sustentável”, afirma Maria de Fátima Abreu, diretora de Articulação e Mobilização do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), que coordena o comitê interministerial criado para organizar a reciclagem na Esplanada. Nos últimos dois

meses, os funcionários participaram de palestras e receberam panfletos informativos sobre o assunto. O objetivo é conquistar os servidores para que eles transformem os três erros da reciclagem — reduzir o consumo, reaproveitar o que é possível e reciclar o que pode ser reciclado — em hábito diário.

Cooperativas

No Ministério da Defesa, a coleta

seletiva começa ainda na mesa do coronel Carlos Alberto Vilanova, gerente da Divisão de Patrimônio Obras e Serviços e um dos mil servidores que trabalham no local. O coronel costuma pegar papel branco ou de envelope e coloca dentro de uma caixinha de papelão fornecida pelo programa Coleta Seletiva Solidária. No fim do expediente, o pessoal da limpeza recolhe a caixinha do coronel e a encaminha para o

subsolo do prédio onde também estão as caixinhas dos outros funcionários. Lá, o papel é colocado em um container específico e fica à espera dos catadores da Cooperativa Trabalho e Produção (Coortrap), da Vila Estrutural.

No prédio da Defesa, mais de 80% dos servidores já realizam o procedimento de separar papel. Lá, a coleta seletiva é anterior ao decreto presidencial. “Há três anos começamos a fazer a sepa-

ração do papel, os funcionários daqui acataram a idéia rapidamente”, comemora Vilanova, que também obteve sucesso com as medidas de economia de água e de energia nos 25 andares do Ministério da Defesa.

Por dia, os funcionários do Ministério da Defesa produzem cerca de 100kg de papel branco. Vendidos a R\$ 0,22 o quilo, o material ajuda no sustento de 100 famílias de cooperados da Coortrap. Catador da cooperativa, Márcio Santana Andrade, 29 anos, chama a atenção para a diferença que o lixo faz na vida dele. “Tenho mulher e dois filhos e preciso deste dinheiro para sustentá-los”, conta ele, que mora no Distrito Federal há 16 anos. Márcio diz que, antes do decreto presidencial, em alguns prédios da Esplanada, os funcionários das empresas de limpeza terceirizadas encarregavam-se eles próprios de vender o lixo. A expectativa é que, a partir do decreto, este tipo de ação seja coibida.

O decreto lei prevê que o lixo seja encaminhado para cooperativas sorteadas em audiências públicas. Também exige que as entidades beneficiadas tenham um galpão onde possam armazenar e fazer uma segunda triagem do lixo. Se der certo, a medida pode pôr fim às ocupações irregulares escondidas no cerrado próximo à Esplanada e aos setores de clubes. Ali, depois de revirarem os containers da Esplanada, catadores isolados — que não fazem parte de cooperativas, vivem da renda conseguida com o lixo da Esplanada.

Condomínio dá exemplo

Um bom exemplo de tratamento do lixo está no condomínio Bela Vista, na região do Grande Colorado. Lá, moram cerca de 3 mil pessoas e são produzidas pelo menos oito toneladas de lixo por dia. Como não há coleta dentro da área, os próprios moradores trataram de arranjar um jeito de se livrar dos restos produzidos por eles. Há nove anos, foi criada a usina de separação e reciclagem que, atualmente, dá uma destinação sustentável a mais de 80% do lixo produzido no local.

Na usina o trabalho inclui a separação do lixo seco, do lixo molhado. Geralmente, as casas possuem duas lixeiras para facilitar a tarefa. “A gente só precisa ter um pouquinho de atenção”, defende o aposentado Mauro Cezar Rodrigues, morador do condomínio há seis anos. Então, funcionários do condomínio, em diferentes dias da semana, passam fazendo a coleta seletiva. O material é levado para a usina de separação e reciclagem e lá é realizada uma se-

Daniel Ferreira/CB



USINA DO CONDOMÍNIO BELA VISTA: RECICLAGEM E DESTINO SUSTENTÁVEL

leção ainda mais detalhada. Para um lado, papel branco. Para outro, papelão. Para um lado, garrafa pet, e assim por diante.

Então, o que interessa à indústria de reciclagem é organizado em fardos que, depois, são vendidos às empresas atravessadoras. Por mês, a venda de material reciclável — basicamente papel, plástico e alumínio, rende R\$ 3 mil para o condomínio. O lucro serve para

custear a usina e a reciclagem. Para não desperdiçar o lixo orgânico, que não tem valor de mercado, os moradores resolveram transformá-lo em adubo. O lixo orgânico misturado a esterco de boi é colocado em canteiros de cimento para descansar. Depois, minhocas californianas trituram o produto. Então, o material é peneirado e fica pronto para ser usado como adubo. (EM)